# Em Busca de um Panorama Sobre as Mulheres Radialistas Egressas da UFPB (2001 e 2012)[1]

Norma MEIRELES[2]
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

**RESUMO**
Este artigo é resultado de pesquisa exploratória em estágio inicial, cujo objeto de análise é o conjunto de egressas do Curso de Comunicação Social – Radialismo, da Universidade Federal da Paraíba. O corpus abrange desde a primeira turma, do período letivo 2001.2 até o grupo mais recente, formado em 2012.2. Para produção deste artigo, trabalhamos apenas com os dados iniciais da pesquisa. Os objetivos são analisar se as egressas de radialismo se inserem com equidade de gênero no mercado de trabalho, além de observar a valorização da profissional de radialismo na área de comunicação social. Como resultados iniciais, verificamos que as egressas visualizam a desvalorização da carreira de radialista, mas tem dificuldade de perceber desigualdade de gênero no mercado de trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** radialismo; ensino; educação superior; mercado de trabalho.

## CURSOS DE RADIALISMO NO BRASIL

Em estudo que busca mapear os cursos de graduação em radialismo no Brasil, Santos e Prata (2012) relatam a dificuldade de encontrar informações para "reconstruir" histórias e trajetórias do referido curso. Para as autoras, "descortinar o universo dos cursos de Radialismo no Brasil se tornou um grande desafio" (SANTOS; PRATA, 2012, p.1). Entre os entraves citados está a falta "de registro da memória dos cursos" pelas Instituições de Ensino Superior.

Santos e Prata (2012) conseguem listar cinquenta e oito cursos de radialismo no Brasil, a partir de dados do Enade (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes) dos anos de 2006 e 2009, somados ao que as autoras chamam de "*achados da pesquisa*". Categoria na qual estão os cursos encontrados a partir do cruzamento de dados entre "listagem das Instituições de Ensino Superior X pesquisas em sites voltados para orientação de pré-vestibulandos (como www.guiadoestudante.abril.com.br, www. estudantes.com.br e www.carreiraseemprego.com.br)". (SANTOS; PRATA, 2012, p.2).

[1] Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídias Sonoras do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação
[2] Radialista, jornalista, mestre em educação, professora de radialismo da UFPB, email: norma.meireles@gmail.com

Do total de cinquenta e oito cursos que o estudo de Santos e Prata (2012) dá conta, quarenta e quatro deles aparecem listados nos Enade de 2006 e de 2009, sendo assim distribuídos por região: dois no Centro-Oeste; dez no Nordeste (entre eles o da UFPB[3]); um no Norte; cinco no sul; vinte e seis no Sudeste. Três só foram encontrados no Enade de 2006: um no Centro-Oeste e dois no Sul. Já através do Enade de 2009 foram encontrados dois cursos, um no sudeste e um no Nordeste. Quanto aos cursos da categoria "achados", ao todo somam nove: dois no Centro-Oeste; seis no Sudeste; e um no Sul.

Santos e Prata (2012) fazem um ranking dos cursos por região, elencando, inclusive, os cursos que passaram por modificação de nomenclatura e os que deixaram de ser ofertados e/ou foram extintos. As autoras citam, por exemplo, que dos vinte e seis cursos encontrados via Enade no Sudeste

> Três não foram oferecidos no vestibular 2012. E o único curso de Minas Gerais, o da UFMG, funcionou de 1985 a 2010. Apesar de ter obtido terceiro lugar entre 623 habilitações no último Enade, deixou de ser oferecido por causa do baixo interesse dos estudantes. (SANTOS; PRATA, 2012, p.13)

Já o Nordeste aparece em segundo lugar no Brasil com dez cursos. Santos e Prata (2012, p.14) apontam que "um dos primeiros cursos do país, quiçá o mais antigo em atividade, o da UFPE adaptou recentemente o seu nome, de acordo com orientação do MEC, acrescentando Internet. Dois dos dez cursos do Nordeste não foram oferecidos no vestibular 2012".

Se Sudeste e Nordeste têm os cursos mais antigos, Santos e Prata (2012, p.14) descrevem que as ofertas do Sul "são mais recentes, tendo sua criação e reconhecimento a partir dos anos 2000. O mais antigo da região, o da UNOESC, em Santa Catarina, é de 2001. E o mais recente, o da UNC, no mesmo estado, foi reconhecido em 2010." As regiões com menos curso de radialismo são Centro-Oeste e Norte.

Santos e Prata (2012, p.2) observam que "A implantação dos cursos de Radialismo no Brasil está diretamente relacionada à trajetória do ensino de Comunicação Social" e que historicamente, "o primeiro curso de Rádio-TV foi criado pela Escola de Comunicação e (ECA), da USP, em 1966, e começou a funcionar em 1967" (MELO, 2011 apud SANTOS; PRATA 2012, p.2)[4]. O contexto do surgimento do Curso de Radialismo na UFPB não foge à regra. É sobre isso que falaremos a seguir.

[3] Comunicação Social: radialismo
[4] O curso histórico da ECA não é mais ofertado.

**RADIALISMO NA UFPB**

Em 1978, o Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) da UFPB aprovou a resolução 09/1978 que "estabelece a estrutura curricular do Curso de Graduação em Comunicação Social do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPB." (CONSEPE, 2013), mas apenas vinte anos depois, o mesmo órgão deliberativo da instituição "fixa a estrutura curricular da Habilitação em Radialismo, do Curso de Graduação em Comunicação Social" (CONSEPE, 1998). E assim nasce o que hoje é o Curso de Radialismo da UFPB.

Na Universidade Federal da Paraíba, a mudança de Radialismo de uma habilitação de Comunicação Social para um bacharelado independente se dá mediante orientação, em nível nacional, do Ministério da Educação ao constatar a "existência de denominações variadas para os cursos de graduação nas áreas de humanidades, artes e comunicação e ciências exatas e da terra" (BRASIL, [20--?]a), sugerindo que as Instituições de Ensino Superior façam a "convergência de denominação (de -> para)" a partir dos *Referenciais curriculares nacionais dos cursos de bacharelado e licenciatura* (BRASIL, 2010).

Na tabela de cursos das áreas de comunicação e artes aparecem várias nomenclaturas (BRASIL, [20--?]b, p.1-2), entre elas: "Comunicação Social", que deve passar para "Jornalismo ou Publicidade e Propaganda ou Rádio TV e Relações Públicas" e "Radialismo", cuja orientação é de que se denomine "Rádio, TV e Internet."

Perfil do egresso de "Rádio, TV e Internet" descrito nas *Referenciais curriculares nacionais dos cursos de bacharelado e licenciatura* é o seguinte:

> O Bacharel em Rádio, TV e Internet atua no planejamento, produção e gestão de conteúdos radiofônicos, televisivos e multimidiáticos. Em sua atividade, interpreta, recria e registra a realidade sócio-cultural por meio de texto, som e imagem. Produz vinhetas, roteiros, chamadas e programas de teor jornalístico, institucional, educativo e de entretenimento relacionadas às suas funções e aos demais campos da comunicação. Domina as linguagens textuais, sonoras, audiovisuais e multimidiática, percebendo suas especificidades. Em sua atuação, deve respeitar os fundamentos éticos prescritos para a sua atividade profissional, a partir do reconhecimento das expectativas e demandas da sociedade em relação ao seu papel social e ao produto de sua atividade. (BRASIL, 2010, p.93)

Enquanto habilitação de Comunicação Social, Radialismo totalizava 2.790 horas-aula com componentes curriculares obrigatórios (comuns e específicos) e optativos (comuns e específicos) além de legislação específica (CONSEPE, 1998). Com a modificação/atualização curricular e criação do Projeto Pedagógico do Curso, ele deixa de existir como habilitação, reduz a carga-horária para 2.700 horas-aula[5], mas mantem a nomenclatura "Radialismo" (CONSEPE, 2011).

A resolução 11/1998 (CONSEPE, 1998) não traça o perfil do egresso de Radialismo, o que é encontrado apenas no Anexo I da resolução 92/2011(CONSEPE, 2011, p.4) nos seguintes termos:

> O egresso do Curso de Radialismo deve ser um profissional capaz de produzir, analisar e disseminar processos comunicacionais nos diversos campos midiático audiovisuais, numa perspectiva multidisciplinar, considerando o contexto e a complexidade em que tais processos estão inseridos. Perfil caracterizado:
> • Pela capacidade de criação, produção, distribuição recepção, e análise crítica referentes às mídias, às práticas profissionais e sociais relacionadas as Relações Públicas, suas inserções políticas e econômicas;
> • Pela habilidade em refletir a variedade e mutabilidade de demandas sociais da comunicação social, relacionando-se com a complexidade e velocidade do mundo contemporâneo;
> • Pela visão integradora e horizontalizada, genérica e ao mesmo tempo especializada de seu campo de trabalho possibilitando o entendimento da dinâmica das diversas modalidades comunicacionais e de suas relações com os processos sociais que as originam e que destas decorrem
> • Por utilizar criticamente o instrumental teórico-crítico oferecido pelo curso, sendo portanto competente para posicionar-se de um ponto de vista ético-político sobre o exercício do poder na comunicação, sobre os constrangimentos a que a comunicação pode ser submetida as repercussões sociais que enseja e ainda sobre as necessidades da sociedade contemporânea em relação a comunicação social.

O documento indica ainda, as competências e habilidades do egresso de radialismo:

> • Compreender e aplicar, criticamente, teorias e conceitos de modo a tratar os fenômenos audiovisuais numa perspectiva inter e multidisciplinar;
> • Competência crítica para a leitura e interpretação da realidade no exercício das práticas audiovisuais no âmbito profissional;
> • Domínio de linguagens utilizadas nos processos de comunicação nos campos de criação, de produção, de interpretação e da técnica audiovisuais;
> • Exercitar a experimentação e a inovação nos diversos processos de produção do audiovisuais (sic), considerando as especificidades da formação profissional em Radialismo. (CONSEPE, 2011, p. 5)

[5] A composição curricular contempla: conteúdos básicos profissionais (básicos, profissionais e estágio supervisionado) e conteúdos complementares (obrigatórios, optativos e flexíveis)

Como as modificações são recentes ainda não há nenhuma turma formada que tenha vivenciado todo o novo currículo. Por isso, as pessoas que responderam ao questionário desta pesquisa (quadro 1) são todas do Curso de Comunicação Social – Habilitação Radialismo.

O ponto de partida desta pesquisa são os documentos disponibilizados pela coordenação do Curso de Comunicação Social[6]. São levantamentos de egressos e listas de formandos que fazem parte dos processos de colação de grau, disponíveis em arquivos impressos. Entretanto, este caminho apresenta abismos. São desafios que temos que superar com o avançar dos nossos estudos.

## "ONDE ESTÁ WALLY?"

Onze anos após a saída da primeira turma de Radialismo não é tanto tempo assim para termos dificuldade de encontrar informações sobre quem se formou e quando. Mas, como comprovado por Santos e Prata (2012, p.1) a memória dos cursos de radialismo é algo difícil de acessar. E isso não é uma característica apenas do curso ora estudado. Carvalho e Rabay (2013, p.14), por exemplo, ao mesmo tempo em que descobrem um estudo pioneiro na UFPB que faz um levantamento dos cursos de graduação por sexo[7], abrangendo o período de 1961 a 1976, relatam também a dificuldade de ter acesso a informações relativas ao período de 2003 a 2010 na mesma instituição.

Na nossa busca por informações específicas, começamos a montar o quadro de egressos de Radialismo da UFPB. Na tabela 1 ainda há o que ser buscado e averiguado, uma vez que encontramos informações contraditórias, como as que formam as linhas dos períodos letivos 2007.2, 2008.1 e 2009.1.

Tabela 1- Egressas/egressos de Comunicação Social – Radialismo (2001 a 2012)

| Período | Total de egressos | Mulheres | Homens | Colação não confirmada por lista de assinaturas | Não identificado pelo nome |
|---|---|---|---|---|---|
| 2001.2 | 09 | 04 | 05 | - | - |
| 2002.1 | 07 | 03 | 04 | - | - |
| 2002.2 | 17 | 06 | 11 | - | - |
| 2003.1 | 11 | 07 | 04 | - | - |

[6] Inicialmente fazia parte do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, hoje integra os cursos do Departamento de Comunicação do Centro de Comunicação, Turismo e Artes.
[7] Carvalho e Rabay se referem à pesquisa do professor José Augusto de Souza Perez, do centro de educação da UFPB

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 2003.2 | 04 | 02 | 02 | - | - |
| 2004.1 | 11 | 07 | 04 | - | - |
| 2004.2 | 20 | 05 | 14 | - | 01 |
| 2005.1 | 01 | Não encontrado | Não encontrado | Não encontrado | Não encontrado |
| 2005.2 | 11 | Não encontrado | Não encontrado | Não encontrado | Não encontrado |
| 2006.1 | 28 | Não encontrado | Não encontrado | Não encontrado | Não encontrado |
| 2006.2 | 17 | Não encontrado | Não encontrado | Não encontrado | Não encontrado |
| 2007.1 | 08 | Não encontrado | Não encontrado | Não encontrado | Não encontrado |
| 2007.2 | 17 (32)[8] | 10 (20) | 07(12) | 13 | - |
| 2008.1 | 19 (21) | 13 (15) | 04 | 02 | - |
| 2008.2 | 17 | 07 | 10 | - | - |
| 2009.1 | 24/25 (26)[9] | 17 (18) | 13 | 01 | - |
| 2009.2 | Não encontrado | Não encontrado | Não encontrado | Não encontrado | Não encontrado |
| 2010.1 | 18 | 11 | 07 | - | - |
| 2010.2 | 14 | 08 | 06 | - | - |
| 2011.1 | 15 | 07 | 08 | - | - |
| 2011.2 | 15 | 09 | 06 | - | - |
| 2012.1 | 15 (16) | 09 (10) | 06 | 01 | - |
| 2012.2 | Não encontrado | 05[10] | Não encontrado | Não encontrado | - |

Fontes: Coordenação ...[200?]; Coordenação ...[2012].

Inicialmente, a coluna "total de egressos" foi elaborada com informações do "levantamento dos concluintes do curso" (COORDENAÇÃO...[200?]) que contem informações até o período letivo 2009.1. Todavia, buscávamos também um recorte de gênero, o que necessitava de consulta à lista com os nomes das pessoas. Até o presente momento da pesquisa não localizamos as listas dos semestres 2005.1, 2005.2, 2006.1, 2006.2, 2007.1 e 2009.2. Quanto ao período 2012.2, vale lembrar que o calendário da instituição está atrasado e que possivelmente o processo no qual se encontra a lista de graduados deste período ainda não tenham retornado para a coordenação, aparecendo momentaneamente como ausente.

Optamos por não fazer a totalização dos dados por entendermos que necessitamos de mais subsídios, consultas ao Núcleo de Tecnologia da Informação da UFPB e à CODESC (Coordenação de Escolaridade) para cruzar informações.

[8] A lista de concluintes deste semestre (2007.2) contem 32 nomes, mas não há assinaturas comprovando a colação de grau de vários, não há outras listas de colação em separado, como encontramos em outros períodos, a exemplo de 2003.1. Assim, os números entre parênteses correspondem ao total listado, com e sem assinaturas, tanto na coluna "total de egressos", quanto nas colunas "mulheres" e "homens". O mesmo acontece na linha abaixo, período 2008.1.

[9] No levantamento de concluintes (COORDENAÇÃO..., 200-?) há referência ao total de 24 concluintes, este número difere da lista de assinaturas que contem 26 nomes, um deles não assinado.

[10] Dado relativo apenas às radialistas recém-formadas que confirmaram formatura via redes sociais, em contato com a pesquisadora.

## RECORTE DE GÊNERO

> *Por mais moderna que se afirme a sociedade atual, a mulher segue discriminada. Pode ser em uma observação fortuita, que alguém julgue até engraçada, uma piada ou anedota talvez. Pode ser no salário ou mesmo na convicção, extremamente arraigada, de que cabe a ela a tarefa de criar os filhos [...] Isto em pleno século 21.*
> *Luiz Artur Ferraretto*

No nosso percurso, ainda nos passos iniciais, encontramos 149 mulheres radialistas. Consideramos todas, inclusive as que apareciam como não tendo colado grau, porque teríamos como averiguar essa informação com a partir do retorno dos questionários. Desse total, 111 foram contatadas por email ou *facebook*. Enviamos um questionário com 13 questões (quadro 1). Mas neste trabalho não há espaço para discorrermos sobre todos os questionamentos.

Quadro 1 – Lista de perguntas questionário Mulheres Radialistas

| |
|---|
| 1) Idade; |
| 2) Em que período entrou no Curso de Comunicação Social- Radialismo? |
| 3) Em que período terminou? |
| 4) Possuía DRT de radialista antes de iniciar o curso? ( ) Não ( ) Sim; |
| 5) Fez ou faz outro curso de graduação? ( ) Não ( ) Sim. Qual?Onde? Por que? |
| 6) Fez ou faz curso de pós-graduação? ( ) Não ( ) Sim. Qual? Onde? Por que? |
| 7) Trabalha? ( ) Não ( ) Sim. Onde? Em que função? |
| 8) Se sente ou já se sentiu discriminada em algum momento no campo profissional por ser radialista e não jornalista? |
| 9) Se sente ou já se sentiu discriminada em algum momento no campo profissional por ser mulher? |
| 10) Considera as oportunidades iguais para homens e mulheres em emissoras de rádio e televisão, inclusive em cargo de direção? Explique. |
| 11) Que avaliação você faz do curso de radialismo quando relaciona formação acadêmica e mercado de trabalho? |
| 12) Se você pudesse modificar o curso, suas disciplinas, o que você mudaria? Por que? |
| 13) Observações que considere pertinentes: |

Fonte: pesquisa direta

No período de 02 a 06 de julho de 2013, vinte radialistas retornaram, das quais dezenove enviaram o questionário respondido e uma justificou a não devolução do questionário por não estar trabalhando na área[11].

Mas antes de passarmos para as descobertas iniciais da nossa pesquisa, vale observar que, como destacam Carvalho e Rabay (2013, p.12),

> A história da educação das mulheres se caracteriza pela exclusão e inclusão progressiva, porém segregada: escolas e classes separadas, ramos do ensino ou áreas curriculares distintas, restrição a certas matérias representadas como extensão do trabalho reprodutivo, domestico.

[11] A pesquisa já recebeu mais retornos, mas o recorte temporal foi feito para efeito de fechamento deste artigo.

No Brasil, na primeira metade do século 20, de acordo com Carvalho e Rabay (2013, p.13), poucas mulheres conseguiam obter formação superior. Realidade que só começou a mudar a partir de 1970, com o ingresso de grande número de mulheres "nas áreas de ciências humanas e sociais". Pensando no contexto da UFPB, Carvalho e Rabay (2013, p.23) analisam:

> A distribuição quantitativa de estudantes por sexo e curso na Universidade Federal da Paraíba ao longo dos 50 anos, ou seja, desde que graduou as primeiras turmas em 1961, revela permanências na mudança: no contexto de uma enorme expansão, as mulheres obtiveram maior acesso e sucesso em estudos superiores, mas concentraram-se em curso femininos, portanto houve inclusão combinada com segregação.

As mulheres "estão sobre-representadas nas áreas de educação, ciências sociais e humanidades e sub-representadas nas ciências naturais, matemática, engenharia e agricultura, o que se traduz em diferenças de rendimento no trabalho" (CARVALHO; RABAY, 2013, p.11). O Curso de Radialismo, então, faz parte de uma área na qual as mulheres aparecem muito bem representadas.

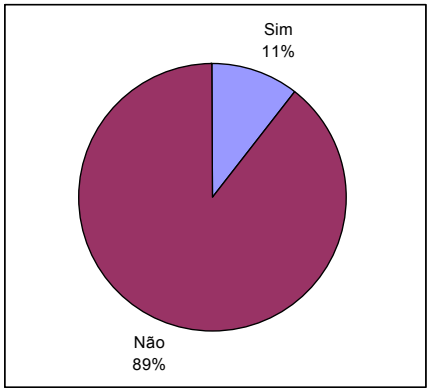
Mas como elas se inserem no mercado? A graduação em radialismo é suficiente para uma boa colocação? Há igualdade de oportunidades para homens e mulheres na área? As respostas para estas e outras questões nós poderemos começar a esboçar, a partir das informações que nos chegaram, mas sem pretensão de dar conta de tudo, tão pouco esgotar o assunto.

Só para lembrar, não é de hoje que as mulheres enfrentam preconceitos. Que o digam as pioneiras do rádio no Brasil. Tesser (2010, p.152), ao falar das locutoras na década de 1930, pontua: "o preconceito com a voz feminina era muito forte [...] Porém, muitas mulheres se dedicaram à carreira de locutora, e tiveram êxito."

## PRIMEIROS RESULTADOS

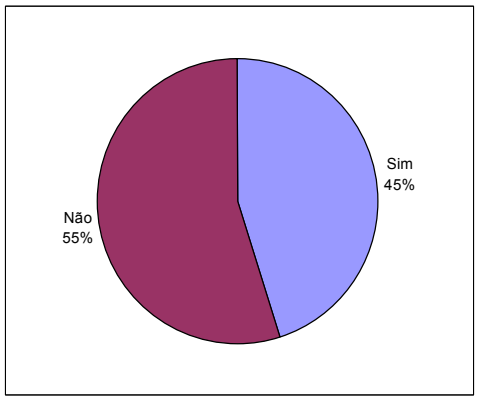
Os gráficos a seguir mostram a tabulação dos dezenove primeiros questionários respondidos pelas radialistas formadas pela UFPB. O questionário completo está no quadro 1, acima. Na exposição dos dados, iniciamos com as perguntas fechadas para depois destacarmos os comentários espontâneos emergidos das questões 8 e 9, para logo em seguida observarmos as explicações da questão 10.

Gráfico 1- DRT antes da graduação




Fonte: pesquisa direta

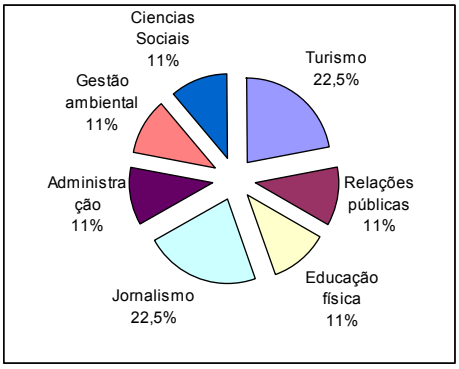
Gráfico 2- Faz/fez outra graduação




Fonte: pesquisa direta

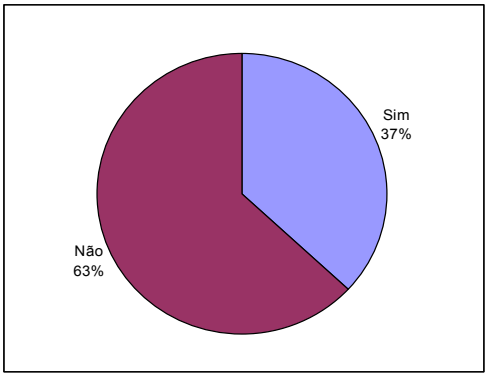
Há um dado interessante a respeito do gráfico 1. Uma pessoa que respondeu não à questão declarou que durante a graduação fez "o curso do sindicato para receber a DRT e entrar no mercado de trabalho." Entretanto, ela não abandonou a graduação por já possuir o registro de radialista e concluiu seus estudos.

Gráfico 3- Segunda graduação




Fonte: pesquisa direta

Gráfico 4- Fez/faz Pós-Graduação




Fonte: pesquisa direta

A tabela 2, abaixo, complementa as informações dos gráficos 2 e 3, uma vez que relaciona opção de segundo curso e motivação de cada escolha. Embora não apareça com muito destaque nesta amostra, o curso de jornalismo é um dos mais procurados como segunda graduação. Isso é comprovado inclusive na resposta de uma das pesquisadas ao dizer "pessoas atuam como radialistas sem a necessidade de formação superior e se contratado geralmente é recomendado a fazer jornalismo para conseguir melhores oportunidades" (ver tabela 4).

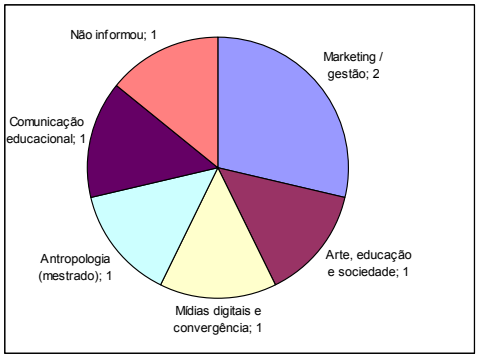
Tabela 2 – Segunda graduação

| Qnt. | 2ª graduação | Porque Fez/faz uma segunda graduação |
|---|---|---|
| 1 | Administração | Mais oportunidade de emprego. |
| 1 | Ciências sociais | Não vi perspectivas profissionais na graduação de Rádio e TV. |
| 1 | Educação Física | Porque estou em buscando outras áreas para me realizar profissionalmente. |
| 1 | Gestão Ambiental | Porque amo a área ambiental. |
| 1 | Relações Públicas | Gosto de Comunicação, aproveito para aprimorar meus estudos. |
| 2 | Jornalismo | Oportunidade em concurso público e mercado de trabalho. |
| | | Para ampliar meu campo de atuação no mercado. |
| 2 | Turismo | Decidi tentar outra área da qual eu me identificava, mas minha paixão mesmo é comunicação, por isso pretendo juntar as duas áreas. |
| | | Dificuldade de atuar na área da graduação em comunicação. Comecei a atuar no turismo e iniciei o curso para qualificação superior. |

Fonte: pesquisa direta

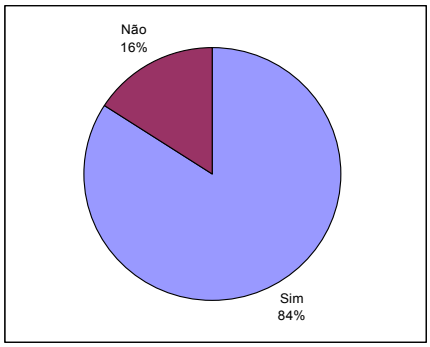
O gráfico 4 aponta um percentual de 37% que dá continuidade à formação acadêmica em nível de pós-graduação. Já o gráfico 5 detalha os cursos/áreas escolhidas e a tabela 3, aponta as motivações das escolhas.

Gráfico 5- Pós-Graduação cursada




Fonte: pesquisa direta

Gráfico 6 - Emprego




Fonte: pesquisa direta

Tabela 3 – Motivos para fazer pós-graduação

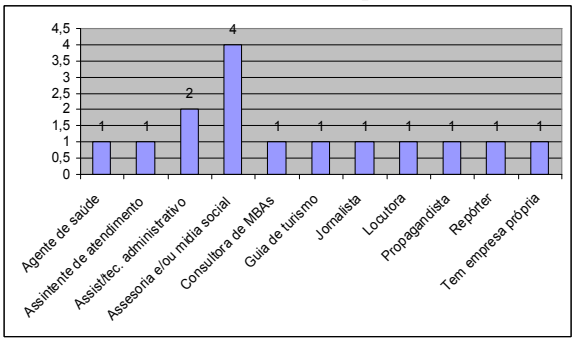
| Qut. | Pós-graduação | Porque fez/faz pós-graduação |
|---|---|---|
| 1 | Artes, Educação e Sociedade | Tenho afinidade com a área das artes e por sentir a necessidade de um continuar estudando e adquirindo conhecimento. Mas pretendo fazer uma pós na área de comunicação também, por sentir que a graduação não é o bastante para a formação de uma radialista. |
| 1 | Comunicação Educacional | Aprimorar. |
| 1 | Especialização (não especificou qual) | Para subir de nível na escala salarial do meu atual emprego. |
| 1 | Gestão Empresarial e de Pessoas | Busca de conhecimento na área de gestão. |
| 1 | Marketing Avançado e Gestão Empresarial | O mercado de trabalho está cada vez mais exigente e meu trabalho pede. |
| 1 | Mestrado em Antropologia | Quis enfrentar outros desafios, estava saturada do mercado na área de TV aqui em João Pessoa |
| 1 | Mídias Digitais e Convergência | Aperfeiçoamento dos conhecimentos |

Fonte: pesquisa direta

O percentual de empregabilidade entre as pesquisadas é de 84%, mas nem todas atuam na área de radialismo. Quanto às funções desempenhadas (gráfico 7), apenas uma tem sua própria empresa na área de comunicação. A maioria, quatro delas, atua como assessora e/ou mídia social. Das duas que se declaram assistente/técnico administrativo, uma diz que acaba fazendo o papel de assessora. Uma trabalha em um posto de Unidade de saúde da Família, outra é locutora, outras duas atuam como jornalista/repórter, uma é propagandista da indústria farmacêutica. Encontramos ainda uma guia de turismo, uma assistente de atendimento e uma consultora de MBA's.

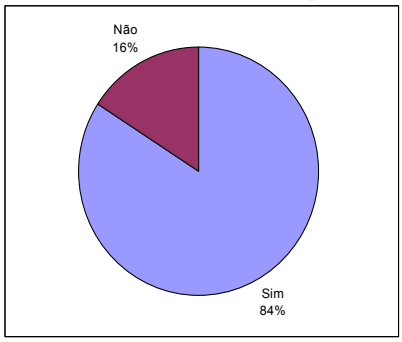
A maioria esmagadora declara sofrer ou ter sofrido discriminação no campo profissional por ser graduada em radialismo e não em jornalismo, 84% (gráfico 8). É mister ressaltar que esta pergunta não pedia justificativas nem explicações, mas várias radialistas sentiram a necessidade de comentar a questão.

Gráfico 7- Função desempenhada




Fonte: pesquisa direta

Gráfico 8- Discriminação profissional




Fonte: pesquisa direta

Das dezesseis respostas afirmativas, apenas quatro não fizeram comentários. Das negativas, uma não comentou. As opiniões estão na tabela 4.

Tabela 4 – Opiniões sobre discriminação por ser radialista e não jornalista

| **Descriminada por ser radialista** | **Comentários espontâneos** |
|---|---|
| SIM | Eu não atuo na área como radialista, acho muito restrita a "QI" = Indicação – por isso optei trabalhar com Comunicação Empresarial, onde estou tentando me estabilizar no mercado. |
| | Todo o tempo. Desde a época que me formei até hoje. Até na área academia existe professores que discriminam os alunos de radialismo, assim como os próprios alunos de jornalismo. No mercado é bem pior. Só comecei a atuar no jornalismo porque um colega meu disse que eu era jornalista e o editor pediu um texto meu e ele gostou e então continuei escrevendo, senão estava até agora procurando emprego. Detalhe: atuo como jornalista *freelance* desde que me formei (tirei o DRT), porque nos veículos eles exigem diploma de jornalista e tem preconceito e não valoriza nossa profissão. |
| | Varias. |

| | |
|---|---|
| SIM | Na verdade a discriminação surge a partir do momento em que nossa formação não é requerida nos concursos públicos ex.: Vaga para comunicação social (jornalismo – na maioria das vezes); Quaisquer pessoas atuam como radialistas sem a necessidade de formação superior **e se contratado geralmente é recomendado a fazer jornalismo para conseguir melhores oportunidades.**(Grifo meu) |
| | Muitas vezes. |
| | Algumas empresas dizem que só contratam para algumas funções nos setores de TV pessoas formadas em jornalismo, mesmo sabendo que o curso não é apenas de radialismo, e sim de Rádio e TV, onde temos contato, durante o curso com muita coisa do meio televisivo. Fora que quando se trabalha com rádio, as pessoas acham que você tem que trabalhar necessariamente, exclusivamente, com locução, mas sabemos que numa rádio existem diversas funções para serem exercidas. |
| | Quando trabalhei na TV a prática dessa discriminação era constante. |
| | Quase sempre. Nunca acertam o curso que fiz, só pensam que é jornalismo e nos concursos públicos, as vagas para Comunicação Social são muitas vezes apenas para jornalistas. |
| | Só em relação aos concursos |
| | O mercado considerada radialista inferior no conhecimento em comparação ao Jornalista- Refletindo diretamente no salário.<br>Principalmente na desigualdade salarial. |
| | Principalmente em concursos públicos que exigem nível superior em Comunicação Social. |
| NÃO | Mas percebi que as oportunidades para jornalista é bem maior. |
| | Pelo contrário, a desenvoltura que tenho no meu trabalho, parte vem do que aprendi na academia. |

Fonte: pesquisa direta

Quando argüidas sobre a discriminação de gênero no âmbito profissional, são categóricas na negativa. Apenas 26% diz que se sente ou já se sentiu discriminada por ser mulher no seu fazer profissional (gráfico 9). As respostas foram curtas (sim/não), com poucos comentários, contrastando com o que ocorreu nas respostas da pergunta imediatamente anterior. Entre os poucos comentários está o seguinte:

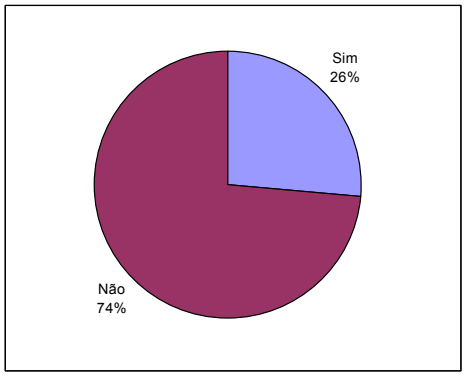
> Pelo fato de ser mulher não diretamente. Acho que trabalhar com comunicação é algo misto, que o fato de ser mulher não interfere. Mas imagino nas empresas de comunicação existam mais homens do que mulheres. Apesar de que existem funções mais técnicas que homens estranham quando algumas mulheres tem afinidade. E isso sim já aconteceu de me olharem 'torto' pelo fato de gostar de coisas mecânicas, como edição de áudio/vídeo.

Porém, o gráfico 10 nos dá pistas sobre as (in)certezas das desigualdades de gênero quando a questão é oportunidades iguais para homens e mulheres. Era de se esperar respostas firmes tal qual aparecem no gráfico 9, mas muitas hesitam, se esquivam da resposta. Como diz Bourdieu (2005, p. 17),

> A divisão entre os sexos parece estar 'na ordem das coisas', como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela

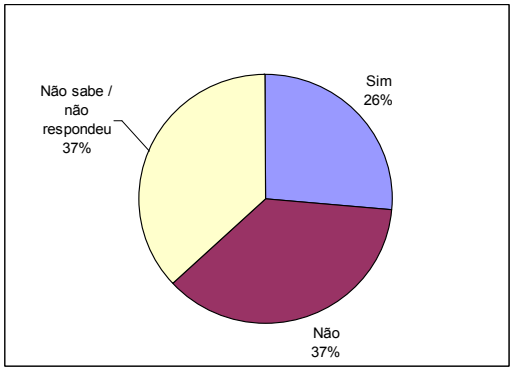
está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas 'sexuadas'), em todo mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepções, de pensamento e de ação. (grifo do autor)

Gráfico 9- Discriminação de gênero




Fonte: pesquisa direta

Gráfico 10- considera as oportunidades iguais




Fonte: pesquisa direta

Nas tabelas 5a e 5b, respectivamente, são encontrados os comentários de quem não considera as oportunidades iguais e de quem pensa o contrário.

Tabela 5a – Explicação sobre igualdade de oportunidades para homens e mulheres

| | **Comentários de quem não considera oportunidades iguais** |
|---|---|
| Disse não na pergunta anterior | Não posso falar sobre o assunto com muita profundidade, pois passei por poucos veículos de comunicação. Mas acredito que em cargos de direção os homens se destaquem mais, pois vejo a maioria das mulheres em cargos como repórter, jornalistas ou produtoras. |
| Disse não na pergunta anterior | Não. Nas raras ocasiões em que atuei na área pude observar que os cargos de chefia geralmente são ocupados por homens. Quando atuei como estagiária, só tive superiores homens, no entanto só trabalhei na área como estagiária e nessa condição, além do pouco tempo, nenhum dos estagiários tinham regalias. Todos eram tratados da mesma forma, independente, de serem homens ou mulheres. |
| Disse não na pergunta anterior | As empresas dizem que não há essa preferência por homem ou mulher, mas o que sentimos é que as oportunidades não são iguais. Mesmo que haja competência suficiente, acredito que o lado afetivo, emocional das mulheres deve ser mais pesado na hora de escolher uma pessoa para um cargo de tomada de decisões, cobranças e dedicação total. |
| Resposta anterior considerada sim | Quando aparecem vagas dificilmente eu vejo eles escolhendo ou exigindo o sexo da pessoa, mas creio que as oportunidades não são iguais para ambos sexos. É mais difícil você depositar confiança num cargo alto para uma mulher. Percebo que algumas mulheres que chegam ao topo são apadrinhadas ou tem uma competência fenomenal. Geralmente o cargo de chefes são dados para homens, tanto nas emissoras de rádio quanto nas de TV. |
| Disse sim na pergunta anterior | Não. Das experiências que obtive e das coisas que já presenciei, os cargos de direção para as mulheres encontram-se em cargos como na área de Redação. O mercado de trabalho é masculino e machista (que tanto pode ser um homem ou uma mulher com estas atitudes), cabendo a mulher cargos como chefe de redação, apresentadora, editora, produtora (neste cargo, a maioria são mulheres), sendo difícil, a não ser por muitos esforços e dependendo da empresa, o cargo de gerente ou direção. |
| Disse sim na | Bom, no meu caso, falo da empresa que trabalhei porque foi a primeira, e a única |

| | |
|---|---|
| pergunta anterior | que trabalhei até agora [...] Lá as mulheres são tratadas com preconceito, porque faz parte da doutrina deles (pastores) que a mulher seja submissa em todos os sentidos, portanto, não existe mulheres em cargos de chefia lá, eles são extremamente machistas. |
| Disse sim na pergunta anterior | Não, percebo muitos homens no mercado com cargo de chefia nas empresas de comunicação local inferiores em conhecimento em comparação com algumas profissionais do sexo feminino. |

Fonte: pesquisa direta

Tabela 5b – Explicação sobre igualdade de oportunidades para homens e mulheres

| | **Comentário de quem considera oportunidades iguais** |
|---|---|
| Não se sente discriminada como mulher na profissão | Prefiro enxergar a igualdade dos direitos e o avanço da mulher enquanto profissional, por isso percebo que já temos uma igualdade nos cargos de direção dos meios de comunicação em relação aos gêneros. |
| Já foi discriminada como mulher na profissão | Acredito que exista, embora não atue na área |
| Não se sente discriminada como mulher na profissão | Até onde tenho conhecimento sim. Pois sei de mulheres em cargos de grande importância em grandes emissoras. |
| Não se sente discriminada como mulher | Sim, o que difere na hora das oportunidades é a questão do conhecimento tanto na área como de pessoas. |
| Não se sente discriminada como mulher na profissão | Bem, nunca trabalhei em rádio ou tv, mas acho que não tenha diferença. |

Fonte: pesquisa direta

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Apesar de estarmos em fase inicial da pesquisa sobre egressas de Radialismo da UFPB já podemos fazer algumas inferências a partir dos dados expostos no corpo deste artigo. Mas o que mais chama atenção é o sentimento de desvalorização profissional das egressas de radialismo, muitas delas buscam formação "complementar" com uma segunda graduação e/ou buscam aprimoramento em curso de pós-graduação. Algumas dizem perceber a discriminação entre radialistas e jornalistas, inclusive dentro da própria academia. Essas radialistas vivenciaram o currículo antigo de radialismo (Comunicação Social – Habilitação Radialismo), que hoje está em transformação.

Outra informação que merece aprofundamento diz respeito ao se observar enquanto mulher em uma profissão que já foi muito mais discriminada no passado do que agora, mas que ainda pode conter preconceitos velados, quase imperceptíveis até para as próprias mulheres que vivenciam e (re)produzem *habitus* da dominação masculina na sociedade.

Nesta etapa da pesquisa já temos informações avaliativas do curso, com sugestões e críticas, por parte das pesquisadas, mas o espaço nos impediu de expô-las. Por fim, a *busca de um panorama sobre as mulheres radialistas egressas da UFPB* apenas começou. Eis aqui um primeiro passo!

**REFERÊNCIAS**

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 2005

BRASIL. **Referenciais Curriculares Nacionais dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura**. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Superior, 2010. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=313&id=181&option=com_content&view=article. Acesso em: 02 maio 2013.

_____. Consulta pública. Educação. **Portal do MEC.** [20--?]a. Disponível em: http:// portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=13812&Itemid=995. Acesso em: 02 maio 2013.

_____. Comunicação e artes. **Portal do MEC**. [20--?]b. Disponível em: http://portal. mec.gov.br/dmdocuments/consulta_artes.pdf. Acesso em: 02 maio 2013.

CARVALHO, Maria Eulina P. de; RABAY, Glória. **Gênero e educação superior**. Apontamentos sobre o tema. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

CONSEPE. **Resolução Nº 11/1998**. João Pessoa: UFPB, 1998. Disponível em: http:// www.ufpb.br/sods/consepe/resolu/1998/RSEP9811.html. Acesso em 02 maio 2013.

_____. **Resolução Nº 92/2011**. João Pessoa: UFPB, 2011. Disponível em: http:// www.ufpb.br/sods/consepe/resolu/2011/Rsep92_2011.pdf. Acesso em 02 maio 2013.

_____. **Ementário das resoluções do CONSEPE.** João Pessoa: UFPB. Disponível em: http://www.ufpb.br/sods/6989consepe.html. Acesso em: 21 jun. 2013.

COORDENAÇÃO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. **Levantamento dos concluintes do curso e listas de concluintes**. João Pessoa: Coordenação do Curso de Comunicação Social, CCHLA, UFPB [200-?]. (Arquivo datilografado e manuscrito. Possui informações de 1997.1 até 2009.1 de todas as habilitações)

_____. **Relação de concluintes de radialismo**. João Pessoa: Coordenação do Curso de Comunicação Social/CCHLA/ UFPB, 2012. [Arquivos dos períodos letivos de 2002.1 a 2012.1].

FERRARETTO, Luiz Artur. Prefácio. In: TESSER, Tereza Cristina. **De passagem pelos nossos estúdios**. A presença feminina no início do Rádio no Rio de Janeiro e São Paulo, 1923-1943. Santos: Leopoldianum, 2010.

SANTOS, Maria Cláudia; PRATA, Nair. Cursos de graduação em Radialismo no Brasil. Trajetória e cenário. Fortaleza: **ANAIS** XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, 2012. Disponível em: http://www.intercom.org.br/sis/2012/ resumos/R7-2119-1.pdf. Acesso em: 21 jun. 2013.

TESSER, Tereza Cristina. **De passagem pelos nossos estúdios**. A presença feminina no início do Rádio no Rio de Janeiro e São Paulo, 1923-1943. Santos: Leopoldianum, 2010.